

A Briga de Galos em Florianópolis: uma perspectiva acerca das práticas tradicionais frente à urbanização (1980-2010)

The Cockfight in Florianópolis: a perspective on traditional practices in the face of urbanization (1980-2010)

Misael Costa Corrêa
Mestrando, PPGH-UDESC
misaelccorrea@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo observar as alterações que acontecem com a prática da rinha de galos, na região da Grande Florianópolis nos últimos 30 anos. Através de fontes orais, buscaremos, na memória de pessoas que tiveram ou tem contato com essa prática, compreender como se davam as sociabilidades e qual era a difusão dela. Assim, desenvolver e aprofundar questões que dizem respeito a estudos sobre cidades, tentando entender como a prática precisa de um certo espaço – cada vez mais restrito e controlado nos meios urbanos, seja pela própria estruturação física, como pelas novas restrições que este espaço vem produzindo.

Palavras-chave: Brigas de Galos, cidades, costumes.

Abstract: This article aims at observing the changes that have taken place with the practice of the cockfighting in the region of Florianópolis over the last 30 years. Making use of oral sources, we will seek, through the memory of people who had or still have contact with this practice, to understand how the sociability around it took place and to what extent it was spread. Therefore, developing and deepening questions concerning the study of cities, trying to understand how the practice needs a certain space – increasingly restricted and controlled in urban areas, by the physical structure itself, as well as the new constraints that this space has been producing.

Keywords: Cockfighting, cities, customs.

As rinhas de galos acontecem, geralmente, em lugares específicos denominados como rinhadeiros, também, vulgarmente, chamados de rinhas. Em certo sentido essa palavra pode levar a algumas confusões. Rinha é tanto é o recinto que abriga as brigas de galos, como também a própria briga entre dois galos neste recinto. Assim, podemos dizer que, num determinado dia houve rinha em tal lugar, ou, por exemplo, que em tal rinha se realizaram dez rinhas. Essas e outras vulgarizações fazem parte de um extenso vocabulário e entendimentos próprios, na falta de outro termo, das “culturas populares”, e que nós, cientistas, tendemos a delimitar e traduzir para outro tipo de linguagem. Neste caso, para melhor compreensão na leitura, vou utilizar a denominação “rinhadeiro” quando houver referência aos recintos, pois

essa denominação é utilizada por essas pessoas especificadamente para estes locais, já a “rinha”, além de ser a luta, compreende a toda prática, como é possível perceber no subtítulo desse trabalho.

Os rinhadeiros, geralmente são conhecidos pelo nome da localidade onde tal evento é realizado, ou também pelo nome do proprietário do local. Assim, dir-se-á que em tal lugar existe um rinhadeiro e suas atividades se concentram em algum dia da semana. Geralmente, sextas-feiras, finais de semanas, feriados. Nem por isso todas as semanas há rinhas, o que existe, na maioria das vezes, é um rodízio entre esses lugares, e, as decisões sobre o calendário de eventos partem de um consenso do grupo dos galistas. Em tal dia tem rinha numa cidade, no final de semana seguinte em outro, ou tem a rinha de fulano na sexta, e no sábado tem a rinha do cicrano, como também, às vezes não há em nenhuma cidade da região porque o grupo está interessado em participar em rinhadeiros de outras regiões.

Sobre Florianópolis, temos a dizer, nessa perspectiva, que foi a partir da década de 1960 que a cidade sofreu transformações mais acentuadas, com o objetivo de modernizá-la. Para isso foram construídos novos acessos, como a ponte Colombo Salles, bem como a instalação de instituições e empresas públicas como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Eletrosul, entre outros. E isso teve como consequência à vinda de novos moradores para essas áreas, boa parte deles provenientes de outros estados, sobretudo do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Essas pessoas se instalaram em loteamentos, muitas vezes, próximos a seus locais de trabalho, assim, locais como Pantanal, Trindade, Córrego Grande, Itacorubi, entre outros, se tornaram bairros, e dentro desses bairros foram criados outros bairros, como é o caso do Santa Mônica, Parque São Jorge, etc. Mesmo assim, é válido lembrar que toda essa nova estrutura necessitou de mão-de-obra para a sua construção, geralmente uma mão-de-obra barata, sendo utilizadas para isso pessoas de menores condições financeiras, nativas ou procedentes de cidades do interior. Só assim conseguimos explicar o crescimento de áreas como a do maciço do Morro da Cruz, Saco Grande ou Monte Cristo. Decorrencia de uma política de urbanização e desenvolvimento a baixos salários, como ocorreu em todo o Brasil.

Florianópolis, diferentemente de muitas outras cidades do Brasil, não teve uma urbanização baseada na industrialização, mas semelhante ao que Henri Lefebvre identificou em Atenas:

Existe, historicamente, um choque violento entre realidade urbana e a realidade industrial. Quanto à complexidade do processo, ela se revela cada vez mais difícil de ser apreendida, tanto mais que a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos.

Este processo dialético, longe de estar elucidado, está também longe de ter terminado. Ainda provoca situações “problemáticas”. [...] Em Atenas, [...] o núcleo organizacional da cidade continua muito forte. Seus arredores de bairros recentes e de semifavelas, povoadas com pessoas sem raízes e desorganizadas, lhe conferem um poder exorbitante. A gigantesca aglomeração quase informe permite aos detentores dos centros de decisão os piores empreendimentos políticos. Tanto mais que a economia desse país depende estreitamente deste circuito: especulação com a terra, “criação” de capitais por este caminho, investimento destes capitais na construção e assim por diante. Circuito frágil que pode se romper a todo instante, que define um tipo de urbanização sem industrialização ou com uma fraca industrialização mas com uma rápida extensão da aglomeração, especulação com os terrenos e imóveis, prosperidade ficticiamente mantida pelo circuito. (2004, p. 9-10)

Uma das consequências de tudo isso é o contato entre populações diferentes: populações de extração rural que já habitavam o local há muito tempo ou que vinham para trabalhar em busca de alternativas de vida diferente das que se encontrava em seus locais de origem, populações urbanas que já residiam na cidade ou que para ela se deslocavam para estudar ou para aproveitar a oferta de empregos, etc. Boa parte dessas diferenças surge de um ideal urbano que, em sua “racionalidade” previa o contrário. Construir esse urbano, modernizando o país, seria criar uma sociedade harmônica, mesmo que capitalista.

Os projetos urbanísticos, a visualidade que é traçada pelas linhas racionalmente calculadas de cada desenho, transforma em projeto político um imaginário que circula na sociedade e que tem a ver com a busca da perfeição utópica. Mesmo negando a utopia em nome da ciência, o urbanismo pôs em prática a busca de uma idealidade [...]. A gestão do espaço urbano moderno, portanto, não está nem aquém tampouco além do imaginário social, fazendo com que as políticas públicas sejam em grande parte regidas por princípios que dizem respeito à unificação dos habitantes em torno de um plano traçado segundo os interesses de determinados grupos sociais, mas que aparecem segundo a marca do interesse coletivo e da legitimidade do método científico. A suposta neutralidade técnica atribui a capacidade de coerção contida nos planos urbanos e cria a benfazeja ideia de que o interesse coletivo está a todo momento sendo preservado. (LOHN, 2002, p.298-9)

Se, esse urbanismo era visto como ferramenta de transformação social, os resultados desses encontros culturais foram muitos, porém, cabe aqui salientar o estranhamento de

algumas práticas, como é o caso da farra do boi ou, também chamada, boi na vara. Isso pode ter acontecido pelo que Yi-Fu Tuan chama de ‘apinhamento’. O qual, “à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto” (1983, p.67). Aqueles sujeitos que anteriormente viviam em sítios (numa espaciosidade), onde as habitações ficavam relativamente mais afastadas de seus vizinhos, pela própria ação de lotear e vender terrenos – pois essas áreas pertenciam a essas pessoas – se veem, em alguns anos, rodeados de várias pessoas estranhas (apinhado). E não é somente esse sujeito a se sentir apinhado, o novo habitante sentir-se-á da mesma forma: apinhado por diferenças culturais. O presenciar de costumes diferentes, o estranhar das práticas, seja elas quais foram, pode levar a aversão e, por conseguinte, ao sentimento de apinhamento pelo presenciar de certas manifestações ou maneiras, principalmente a aquelas as quais não condizem com determinada conduta dita urbana.

Assim, podemos dizer que esse crescimento urbano gerou restrições de algumas liberdades. Várias práticas passaram a serem vistas como não adequadas ao ambiente urbano. Em áreas rurais que deram lugar a bairros é comum encontrar queixas de vizinhos em relação a “falta de condições sanitárias” de outrem, geralmente, entre outras coisas, no que se refere a ruídos ou odores produzidos por animais,

Quiçá, deveríamos pensar não exatamente que somente os novos moradores se indispuseram com esses costumes. Ao mesmo tempo em que existem muitos novos moradores com essa sensibilidade em relação aos animais, existem novos moradores que não se perturbam ou até mesmo que simpatizam, porém, também temos que pensar que o local, independentemente dos novos habitantes, nunca foi uma sociedade homogênea e coesa. Além, é claro, de todas as divergências e diferenças políticas, religiosas, raciais, de gênero, de classe, etc., já existiam na cidade, pessoas contrárias a farra do boi, como é o caso do professor e escritor Othon Gama d’Eça, já na primeira metade do século XX. Ele, na condição de secretário do então governador Aderdal Ramos da Silva, baixou uma portaria proibindo a farra do boi. Também, em uma das suas obras literárias (*Homens e Algas*), ele classifica o homem do litoral, pejorativamente, como “um ser pacato, sujeito as tiranias da natureza e perdido por uma briga de galos”. (FLORES, 1997, p.138.) Além disso, o apinhamento pode refletir em todas as pessoas, independentes de sua origem. É o que se tem observado conversando com as pessoas, e da admissão por parte de muitos da inconveniência de ser ter animais em casa, num local onde os terrenos têm entre 300 e 400m², onde muitas vezes se

constrói mais de uma habitação e o espaço externo fica bastante reduzido, logo, os vizinhos perceberão muitas coisas que os possa irritar. Assim é possível ver aquele sujeito que antes tinha algumas galinhas, patos, ou animais maiores como cabras, porcos, entre outros, se abster disso – muitas vezes pela intimidação ou por essa mudança de sensibilidade que o fará entender que ao insistir com tal prática, estará a perturbar outras pessoas. Foi o que percebi em alguns depoimentos sobre a criação de galináceos belicosos.

Não crio aves em minha residência, não tenho espaço para tanto. Para ter uma pequena e boa criação é necessário ter, no mínimo, 200 m² de área disponível. Porém, onde moro no Estreito (Balneário) não há mínima condição de ter uma criação de aves combatentes porque a vigilância sanitária municipal não permite. (ZIMMERMAN, 2011)

Ainda assim insisti numa pergunta de que se os inconvenientes em criar galos de briga no urbano seriam mais difíceis por causa dos riscos de denúncias referentes à proibição dessa prática ou por questões de higiene e saúde pública que poderia incomodar aos vizinhos, e o mesmo depoente nos diz: “As denúncias ocorreriam pelos dois fatores, mas o ruído e o odor são os que mais levariam os vizinhos denunciarem.” (IBIDEM)

Apesar de o recorte compreender a região da Grande Florianópolis, não conseguiremos fazer um panorama geral da atividade e ver todos os lugares de sua ocorrência. Um implicante é que essas divisões políticas não satisfazem o ponto principal de nossa preocupação. Isso porque, as redes de sociabilidades em torno desse objeto mostram outro tipo de relação com o espaço, que, muitas vezes, não é aquele instituído pelo Estado. Sua rede pode contemplar tanto cidades que estão fora da região, como também, podem não compreender algumas que fazem parte dessa região. Algumas cidades da Grande Florianópolis não fazem parte dessa sociabilidade, como, algumas vezes, áreas que estão fora dessa divisão farão parte. Presenciei algumas vezes, durante pesquisas de campo que, nas brigas de galos, pessoas de regiões do Vale do Itajaí e do Sul do Estado em Florianópolis, do mesmo modo, soube que estes participam desses eventos nesses outros lugares. Ao mesmo tempo, não ouvi ninguém dizer que era de cidades como, por exemplo, Alfredo Wagner ou Angelina, entre outras cidades que pertencem a grande Florianópolis. Isso, antes de me levar a suposição de que ou não existem galistas nessas cidades, me leva a pensar que os criadores de galos de brigas destas cidades participam das redes de sociabilidades de outras regiões. Às

vezes é mais viável frequentar os rinhadeiros da Serra ou do Vale do Itajaí. Por outro lado, a rede de sociabilidades das rinhas transcende a região da Grande Florianópolis.

De certa forma, o estender deste recorte geográfico me levou a recordar de Fernand Braudel e sua clássica obra “O Mediterrâneo”, quando, ao fazer o recorte espacial, Braudel sente a necessidade de ampliar suas fronteiras em direção ao Atlântico e ao deserto do Saara, o que chamaria de “O Mediterrâneo Maior”. (BURKE, 1997, p.54)

Todavia, fazer um levantamento das áreas de ocorrência dos rinhadeiros na região não significa fazer a geo-história braudeliiana, muito menos se ater a qualquer determinismo geográfico, pelo contrário, queremos observar a brandura e a porosidade destas sociabilidades em um território, que assim como a própria cultura, possui fronteiras cambiantes. Fazer uma cartografia, não significa, nesse sentido, buscar a totalidade das brigas de galos no espaço delimitado através de uma escolha metodológica, até porque, este passado está atrelado a memória, e como toda memória, ela depende do esquecimento, não temos como apreender todo o passado, muito menos através de uma narrativa. Para Pierre Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às comunidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (1993, p.09)

Além da memória, há outras dificuldades em um levantamento como este, e se devem a vários fatores. O primeiro deles, talvez, seria o compromisso ético como pesquisador em não poder dizer onde se localizam os rinhadeiros ainda em funcionamento. Se bem que

nenhum dos que se encontra em funcionamento no ano de 2010, remonta há mais de dez anos. Localizar esses lugares tornaria essa escrita uma denúncia. Dessa forma, não serão mencionados os locais destes eventos, porém, o que se pode fazer é apontá-los genericamente, e alvitrar algumas características desses espaços.

Na época dessa pesquisa, não encontramos nenhum rinhadeiro localizado em regiões centrais da cidade, contudo, foi muito frequente em muitos bairros e distritos até os primeiros anos do século XXI. Um entrevistado, natural de Palhoça, cidade da região metropolitana, relata:

Vim morar em Florianópolis no ano de 1958, desde quando morava em Palhoça tinha contato com galos de briga e continuei a mantê-los em Florianópolis. [...] Meu pai foi um grande criador de galos combatentes e frequentava os rinhadeiros de Palhoça, Aririú (Palhoça também) e de Santo Amaro da Imperatriz e eu e meus irmãos, desde pequenos o acompanhava. (ZIMMERMAN, op. cit.)

Comum nessas áreas continentais, mas nem por isso incomuns na parte insular da capital. Os relatos indicaram a presença de pequenas brigas de galos em várias localidades, desde os bairros centrais até o sul e o norte da ilha,¹ como foi possível perceber na fala de um senhor que veio morar em Florianópolis no ano de 1985, e, só entrou para as brigas de galos em 1990: ele recorda ter participado de rinhas “na Serraria, em Biguaçu, no Córrego Grande, na Costeira, na Palhoça, em Santo Amaro, Ingleses e Campeche”. (DIAS, 2011) Serraria localiza-se no município vizinho de São José, enquanto Biguaçu, Palhoça e Santo Amaro [da Imperatriz] são outros municípios da região. Já Córrego Grande, Costeira [do Pirajubaé], são bairros centrais. Ingleses e Campeche localizam-se respectivamente no Norte e Sul da Ilha.

Antes de prosseguir essa narrativa, é preciso deixar claro duas dimensões da atividade da briga de galos. A primeira delas é a briga de galos como uma diversão, da qual faziam parte muitos homens e até mesmo meninos, geralmente eram pessoas que tinham poucos galos, ou que tinham somente um e os utilizavam, juntamente com várias galinhas para sua subsistência. Numa época em que não era tão comum as galinhas poedeiras, nem as rações de postura, era importante ter um galo no quintal, pois se acreditava que um galo incentivava as galinhas a porem ovos, e é claro, como maneira de fertilizar esses ovos, e, conseqüentemente,

¹ Comumente se divide Florianópolis em cinco partes: Continente, Região Central, Norte, Sul e Leste da Ilha. 97,23%, correspondem a Ilha, enquanto o restante ao continente. Continente e região central são as mais densamente povoadas, nas outras regiões, também há vários distritos com alguns núcleos bastante povoados, porém, é possível encontrar vastas áreas verdes e/ou rurais.

criar esses animais para o abate e o consumo próprio. A segunda dimensão da briga de galos é aquela tida como esporte: aí fazem parte pessoas que se dedicam especialmente a criação destes animais com a finalidade de fazer as rinhas. Este grupo é composto por um número menor de participantes, porém, com maior capacidade de locomoção dentro de determinado espaço, enquanto, aqueles que faziam brigas de galos como diversão, e que geralmente eram, e ainda são, depreciados pelos “desportistas”. Eles faziam, a grosso modo, uma briga entre dois galos de terreiro com alguém das vizinhanças, pelo simples prazer de brigar uns galos e fazer pequenas apostas. Esse tipo de briga podemos dizer que foi endêmica na região, pelo menos fora do que hoje é considerado o centro da cidade. A primeira entrevista coletada é de um sujeito que, quando criança, gostava muito disso, ele relata:

Já que éramos comunidades pobres, a gente tinha nos terreiros um galinheiro e era normal, muito normal mesmo, grande parte das pessoas tinham um galinheiro e nós escolhíamos o galo que tivesse o melhor porte para incentivar a briga. Então nós iniciávamos o galinho desde pequeno, fazendo tipo um exercício físico com ele, que era por a mão no peito dele e jogar ele pra cima para ele criar corpo, e também para ele criar segurança, e também fazíamos o bico para atentar o animal e fazer com que ele se enfurecesse e começasse a brigar. Então, aqueles galos que mostrassem uma melhor disposição para a briga, então depois nós fazíamos brigas entre os guris... a criançada, não é? Ele pegava o galo dele, eu pegava o meu, e a gente se reunia pra fazer a briga. Porque, na verdade, a gente sabia que os adultos também faziam. Só que a gente não tinha aquele aparato, então a gente fazia esse tipo de coisa, preparávamos assim. (CARDOSO, 2011)

Na sequência perguntei se, por ventura, eles utilizavam esporas de metal para fazer essas brigas, e ele nos deu o seguinte relato:

O nosso sonho era esse, mas não tínhamos dinheiro para comprar. Mas, nós sabíamos que nas rinhas que eram feitas pelos adultos, lá em cima no Morro da Queimada, (nós não morávamos no Morro da Queimada, nós morávamos antes. Mais acima existia uma comunidade mais carente ainda). Então, aqui em cima existia muita rinha de galo. O pessoal chegava ali no final de semana. Na verdade aquilo não era a rinha, não era um espaço específico. No domingo de manhã o pessoal se reunia na porta de uma venda que tinha lá em cima, e começavam a tomar uma cerveja, uma cachaça – mais cachaça do que cerveja – e um de repente ia lá e pegava um galo, outro já vinha com outro. Geralmente o galo vinha com uma capinha na cabeça para não se assustar e então ali faziam a briga. Então, esse pessoal adulto eles tinham até as esporas de metal, nós não tínhamos porque nós éramos crianças. (IBIDEM)

Semelhante ao que percebi em 2006 num trabalho sobre memória no bairro do Córrego Grande. Uma das perguntas era sobre a existência de rinhas de galo. Vardelino Durval Bento relatou:

Ah, briga de galo tinha também. Não tinha rinha, o que fazíamos era o seguinte: se eu tivesse um galo e você também, então jogávamos uma esteira no chão e brigávamos os galos. (MAGRON NETO, OLIVEIRA, CORREA, 2006. p.108.)

Esses locais onde se fazem poucas brigas de galos jamais foram considerados rinhadeiros pelos galistas “desportistas”. Existiam também os rinhadeiros pequenos, onde se faziam rinhas por menores somas de dinheiro, e existiu, durante muito tempo, a chamada rinha grande:

Em Florianópolis existia o Centro Esportivo Catarinense, entidade civil registrada que existia há mais de 60 anos, por ser grande e com instalações confortáveis e bom restaurante era chamada de “rinha grande”, e existia outras rinhas menores em suas instalações e sem acomodações mínimas para seus frequentadores e geralmente pessoas de poder aquisitivo menor, eram estes que chamavam de rinha grande a primeira. (ZIMMERMAN, op. cit.)

Localizada não em Florianópolis, mas mais exatamente no bairro Serraria, em São José, este local abrigava um rinhadeiro que atraía galistas de outras regiões e até mesmo de outros estados, ao mesmo tempo, excluía, ou pelo menos inibia a participação, de todos aqueles que não tratavam as rinhas como um desporto. Isso acontece pelo valor das apostas, e como nas rinhas, o que realmente está em jogo é o saber sobre o galismo, isso, inevitavelmente, não corresponde somente a uma diversão, mas ao interesse e possibilidades financeiras em produzir boas variedades da espécie.

Uma das questões colocadas aos depoentes era sobre a existência dessa diferenciação entre rinhas grandes e pequenas: a maioria se limitou a dizer que o diferencial é a estrutura do local. Outros ainda salientaram que nesse tipo de rinhadeiro participam pessoas de regiões mais distantes. Porém, como já foi dito, é possível perceber outras diferenciações que surgem nesses espaços, principalmente as de classe.

Esse rinhadeiro não existe mais, e como também já não existe mais um outro, um pouco menor que se localizava no bairro Potecas, em São José, ambos foram fechados após denúncias e o comparecimento da polícia, apesar de um dos proprietários dizer que possuía

alvará. Como respondeu Vicente Pereira quando perguntado se já havia tido algum problema judicial por causa das brigas de galos.

Tive em 2005. Quando o supremo tribunal cassou a lei catarinense [que proibia a briga de galos], aí a autoridade competente, a delegacia, não veio me intimar, não veio me avisar que o alvará não tinha mais utilidade. Eles tinham que ter vindo aqui e recolhido o alvará e ter dito que não tinha mais utilidade, dizer que a lei não existe mais. Deixaram. Daí, também, eu não li Diário Oficial, aí fechou. Interditaram a rinha. (2011)

Após essas intervenções da polícia muitos se viram com medo de continuar, outros procuraram outros meios para continuar com essa prática. Claro que, não existe mais a chamada “Rinha Grande”, um local como esses seria muito visado, impossibilitando a continuidade desse tipo de rinhadeiro. O que se perdeu com isso foi “o glamour” das rinhas de galos nessa região. Os que continuam a brigar seus galos, o fazem em locais um pouco mais escondidos, alguns em zonas rurais, onde é preciso pegar estrada de chão. No entanto, existem outros dentro das cidades, dois deles próximos a duas praias bem famosas, sendo que umas delas se localiza no mesmo bairro de um famoso “*point*” da juventude. Espaços tão próximos podem compreender atividades quase opostas, enquanto uma é vangloriada nos meios de comunicação a outra coexiste e procura sua invisibilidade.

Esse local possui várias casas nas suas redondezas, porém, nenhum vizinho fez qualquer tipo de denúncia. Contudo, muitos entrevistados estão alerta quanto aos problemas de se realizar estes eventos em tais lugares, como na seguinte citação, quando perguntado sobre se o risco de denúncias é maior nas cidades:

Evidente que as brigas de galos não pode ocorrer nos grandes centros urbanos, especialmente por causa do barulho que os espectadores fazem e, ainda, por falta de estacionamento para acomodar os veículos dos galistas. Quando isto acontece há ainda muita gritaria dos participantes e como as brigas de galos acontecem à noite, o que chamará em muito a atenção dos vizinhos e dos transeuntes e tudo isto resulta na denúncia de ambientalistas. (ZIMMERMAN, op. cit.)

Outro entrevistado fez referência a um rinhadeiro que fica num sítio e disse: “lá é bom porque os carros ficam escondidos”. Enquanto, Bartolomeu Gonçalves disse que “as rinhas devem ser feitas em áreas rurais”. (2011)

Então, é possível observar a clara preocupação em não serem percebidos. O fato de ser, ou não, na cidade, está diretamente ligado ao risco de prováveis denúncias. Contudo, mesmo quando eram liberadas,² não se concentravam em áreas de centros comerciais das cidades. Nas rinhas grandes existe uma preocupação com a espaciosidade do local, com os estacionamentos, com as refeições dos participantes. São pessoas com um poder aquisitivo que propicia certa sofisticação, reunidos em associações ou individualmente, construíam ou adquiriam um espaço que servisse exclusivamente como rinhadeiro. O que diferencia uma rinha grande de uma pequena, segundo várias falas, é a “estrutura do local, o valor das apostas e o pessoal que se desloca de outras regiões”. E eu apontaria mais: a itinerância das pequenas frente a essa. Muitos galistas têm vontade de abrir um rinhadeiro, e muitas vezes se utilizam de suas próprias instalações com essa finalidade. Alguns mantêm por bastante tempo, outros nem tanto, por isso elas são itinerantes.

Na região em destaque, é que encontraremos após o fechamento da rinha grande. Vários pequenos rinhadeiros, alguns que já coexistiam com o grande, mas que se sucedem, e fecham, não somente por intervenções policiais.

Nos últimos três anos, de 2008 a 2011, por exemplo, entre depoimentos e informações recebidas dessas pessoas, fiz a contagem de oito rinhadeiros, sendo que cinco deles ficavam na ilha. Certamente, é um número bastante expressivo se partirmos do princípio que nada se sabe ou se ouve falar sobre o assunto. Somente um deles, pelas informações que a mim chegaram, sofreu intervenção policial, os demais, encerraram as atividades por motivos diversos. Isso sem fazer referência a dados que nos escapam, como, por exemplo, o número de criadores, rinhadeiros não mencionados por esquecimento ou pelo negligenciar de sua curta existência. Ainda assim, existe as tais rinhas marcadas, espécie de modalidade de rinha marcada entre dois galistas nas dependências de um deles. Como foi possível perceber na fala de um senhor quando lhe perguntei se os locais de rinha eram ou são abertos a todo o público ou somente participam pessoas que fazem parte de um círculo de conhecidos. E se isso sempre teria sido dessa forma.

² Até a criação do código ambiental, em 1998, não existia nenhuma lei contra a prática da briga de galos. Mesmo com o código, não há nada específico em relação as brigas de galos, porém, no artigo 32 registra-se “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”, pena - detenção, de três meses a um ano, e multa. (N.E.)

A frequência nos rinhadeiros sempre foi aberta ao público, porém, em algumas cidades do Estado já fazem brigas de galos entre pessoas amigas em recinto fechado ao público, e, acredito, que esta prática deverá imperar nos próximos anos. (ZIMMERMAN, op. cit.)

Visto a grande quantidade de informações chegamos a um ponto crucial desse trabalho: até que ponto podemos pensar que se brigas de galos são afetadas pelo urbano? O urbano influencia de maneira a inibir a prática, contudo, sua presença ainda é latente. Talvez, não da mesma forma que foi até os anos 1980, ou mesmo até o ano de 2005, quando das intervenções.

As dúvidas perpassam exatamente pelas duas dimensões, mencionadas anteriormente, sobre as briga de galos. Aquela dimensão que, a grosso modo, caracterizo como amadora, que representava uma parcela maior, porém, menos sofisticada, parece ter sido deixada de lado anteriormente. É exatamente no momento em que a cidade se urbaniza, quando essas pessoas vendem suas terras, seus sítios, para a construção de casas, que também deixam de ter seu galinheiro e, por conseguinte, deixam de fazer as rinhãs. E não é somente isso, as novas representações e sensibilidades em relação aos animais fazem com que passem a se abster da prática. Não há como negar a influência dos meios de comunicação e as diversas representações, principalmente sobre os animais, os vários desenhos animados, filmes, novelas, que difundem sentimentos de humanidade para com as outras espécies. Muito próximo ao que Keith Thomas percebe ao analisar a Inglaterra moderna. “Foi a partir do crescimento das cidades e o distanciamento do modo de vida rural que se formaram novas percepções e concepções do homem moderno inglês para com os animais.

O novo sentimento começou a ser expresso por cidadãos bem situados, afastados do processo agrícola e propensos a considerar os animais como bichos de estimação, não como uma criação para o trabalho, quer por clérigos rurais educados, cujas sensibilidades eram diferentes das dos homens rústicos em cujo meio viviam. No século XVII, notava-se que a caça custava demasiado tempo e dinheiro para ser adequada a homens de negócio; e os movimentos reformistas para a abolição dos esportes cruéis estavam firmemente baseados na cidade. (1998, p.190-1)

Claro que estamos falando de sociedades distintas. A Inglaterra do século XVII trouxe uma experiência urbana que afastou muitas pessoas de outras experiências, algumas tidas como rurais. No Brasil, o processo de urbanização é muito posterior e as experiências são

outras, mas em algum momento se deparam com situações semelhantes às já enfrentadas em outros lugares do mundo, sobretudo, aos modelos de civilização aos quais procura se assemelhar.

Essas sensibilidades, nesse sentido, se desenvolvem de distintas formas. A segunda dimensão da briga de galos, aquela que compreende pessoas aficionadas pelas brigas de galos e as colocam como um tipo de esporte, não veem a atividade como sendo de mau-trato aos animais. Então, não é ausência de sensibilidade, é outro tipo de sensibilidade. Quanto à relação entre farra do boi e briga de galos, não é plausível afirmar que exista uma essência violenta que faz com que os homens procurem se inserir nesses meios, tanto é que temos galistas a abominar a farra do boi, como também não deve ser raro o contrário. Isso quer dizer, então, que essas sensibilidades se desenvolvem de distintas formas, até mesmo dentro de uma mesma sociedade.

Contudo, como já vamos dizendo, essa segunda dimensão parece ser mais resistente a esse urbano que tende a inibir a briga de galos, para eles, vale muito o conceito de tática do qual fala Certeau, os quais alteram os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições, etc.) são do tipo tática. E também, de modo geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. [...] Do fundo dos oceanos até as ruas das megalópoles, as táticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser o deles e com as malhas demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe. (2011, p.47)

Em alguns sentidos, até mesmo o urbano pode ser considerado como um meio propício ao galismo. Como, por exemplo, os meios de locomoção. O automóvel, talvez um dos maiores símbolos da cidade, contudo, é através dele que os galistas se deslocam às rinhadas e produzem sociabilidades com maior alcance. Além disso, no urbano os meios de comunicação são mais acessíveis e é através deles que se formam redes de comercialização de

aves combatentes, muito comuns em *sites* e correios eletrônicos. Também, nas cidades, se localizam várias casas agropecuárias, algumas delas com rações especiais para aves combatentes.

Chegamos ao fim com um paradoxo envolvendo prática e urbanidade. Por um lado temos uma série de facilidades produzidas por esse meio no que se refere às sociabilidades e as possibilidades de movimentação no espaço, por outro lado, a criação desses animais necessita, bem como a própria rinha, precisa de um certo espaço – restritos e controlados – nos meios urbanos, seja pela própria estruturação física deste espaço, como pelas proibições e limitações que este espaço vem a produzir, no entanto, não há como atenuar a maneira como espaço se moderniza e altera o *modus vivendi* de uma sociedade, ou melhor, como novas sensibilidades e sociabilidades se desenvolvem nesse espaço que se urbaniza, criando mecanismos que diluem certas práticas em detrimento de outras. Isso foi possível observar em várias falas, quando se tratava de uma “renovação” dos participantes das brigas de galos. A maioria respondeu que, na região da Grande Florianópolis, geralmente são as mesmas pessoas. O segundo depoente acrescentou dizendo: “lá no Vale do Itajaí tem muitos jovens praticando” (PEREIRA, op. cit.) e Antonio Zimmerman relatou quando perguntado se o crescimento da cidade implicava no desenvolvimento das rinhas:

Evidente que o crescimento dos grandes centros urbanos contribui para a não renovação de galistas, pois os jovens de hoje têm muitas opções para se divertirem e isto é o maior fator que poderá influir na continuidade da briga de galos, a perseguição policial é outro fator, mas no meu entendimento em menor escala. Hoje o galismo no Estado de Santa Catarina está mais concentrado nos municípios do interior. [...]Hoje, aqui em nossa região são sempre as mesmas pessoas que frequentam as brigas de galos, raramente aparece um jovem que deseja participar das mesmas. (op. cit.)

Mesmo com as dificuldades impostas pelo urbano, salientadas por alguns depoentes, não podemos tomar a cidade como um palimpsesto (LEPETIT, 2001, p.140). Os usos do espaço nem sempre corresponderam à totalidade das perspectivas de seus ideólogos, a cidade não se constituiu com o tal caráter anímico do qual falava Simmel (2005), nem mesmo houve a supressão da ruralidade. A cidade, certamente, apresenta-se como paradigma de novas sociabilidades e sensibilidades, mas, mesmo que apartadas, em certa medida, do contato mais próximo com os animais, eles ainda continuam a fazer parte de um imaginário dentro do mundo urbano, segundo Lefebvre:

o tecido urbano não se limita à sua morfologia. Ele é ou suporte de um “modo de viver” mais ou menos intenso ou degradado: a *sociedade urbana*. Na base econômica do “tecido urbano” aparecem fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e “cultural”. [...] Entre as malhas do tecido urbano persistem ilhotas e ilhas de *ruralidade* ‘pura’, torrões natais frequentemente pobres (nem sempre)[...]. A relação “urbanidade-ruralidade”, portanto, não desaparece; pelo contrário, intensifica-se, e isto mesmo nos países industrializados. (LEFEBVRE, 2004, p.11)

Essa intensificação é muito latente quanto ao objeto – às brigas de galos –, como tentei brevemente apresentar neste artigo. O desfecho dessa história é algo ao qual não temos a possibilidade de apreender, nem estamos em busca de tal mérito, o que tentamos fazer aqui foi um exercício de historiador do tempo presente, buscando observar como as estruturas se movimentam dentro do tempo histórico, proporcionando novas formas de compreensão dos costumes, tal como Flores constatou sobre a farra do boi: “são choques culturais presentes em nossa vida moderna, a civilização da mudança, não só dos cenários físicos, mas onde ‘os figurantes têm que mudar também’.” (op. cit., p.52)

Referências

- BEDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 219-229.
- BURKE, Peter. A escola dos ANNALES (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997. 154 p.
- CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2008. 253 p.
- _____. A escrita da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 345 p.
- _____. A invenção do cotidiano. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CORREA, Misael Costa. Costumes incomuns: a rinha de galos no extremo-oeste catarinense. 2009. 74 p. : Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2009.
- DUNES, Alan. The Cockfighting: A Casebook. Madison, Wisconsin, EUA: Wisconsin, 1994. 302 p.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. A farra do boi: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: UFSC, 1997.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 79 p.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEFEBVRE, Henri. De lo rural a lo urbano. 3 ed. Barcelona: Península, 1975.

_____. O direito à cidade. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004. 145 p.

LEPETIT, Bernard. Por uma nova história urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes Para o Futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado em História).

MAGRON NETO, Alfredo; OLIVEIRA, Guilherme Guttler de; CORREA, Misael Costa. Córrego Grande. 2006. 156 f. : Relatório de estágio (graduação)- Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. p. 7-28, 1993.

ROUSSO, Henri. A História do Tempo Presente vinte anos depois. In: PÔRTO JR., Gilson (org.). História do Tempo Presente. Bauru, SP: Edusc, 2007. 360 p.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In Revista Mana nº 11, vol. 2. p. 577 a 591, Rio de Janeiro, 2005.

THOMAS, Keith. O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Depoimentos

CARDOSO, Manoel. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. Florianópolis, 05 de jul. de 2011. Depoimento

PEREIRA, Vicente. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. São José, 29 de jul. de 2011. Depoimento

GONÇALVES, Bartolomeu. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. Florianópolis, 27 de ago. de 2011. Depoimento

ZIMERMAN, Antonio. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. Florianópolis, 29 de ago. de 2011. Depoimento

DIAS, Pedro. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. Florianópolis, 08 de set. de 2011. Depoimento

SANTOS, Patrício. Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa. Florianópolis, 11 de set. de 2011. Depoimento.